PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E DO ABASTECIMENTO

ISSN
2764-2887

VOL. 14 N. 42 - 2022

PROGNÓSTICO AGROPECUÁRIO

MANDIOCA

2022/2023



DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL - DERAL

DIVISÃO DE CONJUNTURA AGROPECUÁRIA

ECONOMISTA
METHODIO GROXKO
methodio@seab.pr.gov.br

RESIDENTE TÉCNICO:
ENG. AGRÔNOMO
MSC. JOABE RODRIGUES PEREIRA
joabe.pereira@seab.pr.gov.br

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E DO ABASTECIMENTO

Governo do Estado do Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento
Norberto Anacleto Ortigara - Secretário
Richardson de Souza - Diretor-Geral
Beno Henrique Weigert Doetzer - Diretor Técnico

Departamento de Economia Rural
Marcelo Garrido - Diretor

Divisão de Estatísticas Básicas
Larissa Nahirny

Analista da Cultura
Methódio Groxko

Residente Técnico
Joabe Rodrigues Pereira

Capa
Adriana Geray Artigas
Joabe Rodrigues Pereira

Mapas
Antonio Octaviano de Andrade Neto

Colaboração
Alexsander Caiut Beilner - Estagiário
Luis Felipe de Lima Martini - Administrativo

Edição
Gisele Barão da Silva - Jornalista MTB/ 9378
Joabe Rodrigues Pereira

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

1. Introdução

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) exerce papel fundamental na segurança alimentar, sobretudo nas regiões tropicais. É a terceira maior fonte de alimento do mundo, depois do arroz e do milho. É uma importante cultura no Brasil, com grande participação histórica, social e econômica.

O panorama da produção de mandioca no Paraná revela-se versátil, uma vez que, além de servir como alimento básico, o uso da fécula é incorporado ao consumo de inúmeros produtos, sendo o estado líder na industrialização dessa mercadoria.

O objetivo deste Prognóstico Agropecuário é apresentar considerações e dados da cultura da mandioca, e demostrar a sua importância na economia agrícola mundial, nacional e no Paraná.

2. Mundo

2.1 Produção Mundial

O cultivo da mandioca vem ganhando destaque em vários países, em especial naqueles de renda mais baixa, onde o seu consumo é utilizado em larga escala na alimentação humana. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO, a produção mundial de mandioca em 2020 foi de 302,662 milhões de toneladas. Desta forma, a quantidade produzida, durante os últimos anos, vem apresentando crescimento contínuo, com valores mais expressivos nos países africanos, onde se registram os maiores índices de crescimento. A última publicação da FAO indica para 2020 uma área de 28.243 mil hectares, uma produção de 302.662 mil toneladas e produtividade média de 10.716 kg/ha.

Apesar de sua utilização em vários segmentos industriais, em especial da fécula e seus produtos modificados, o consumo "in natura" ainda representa expressiva quantidade em países onde a oferta de alimento é escassa. Neste sentido, a cultura da mandioca é de fundamental importância, pois, segundo as publicações da FAO, ela alimenta cerca de 700 milhões de pessoas, com destaque aos países africanos. Nesses países, praticamente toda a produção é destinada ao consumo humano, ou seja, cozida ou minimamente processada, na condição de farinha. Normalmente, nos países mais pobres a mandioca é cultivada em pequenas propriedades ou pela agricultura familiar. Cabe destacar, também, a sua importância socioeconômica no continente africano, onde a mandioca assumiu a liderança mundial na produção e até tornou-se alimento de segurança nacional.

De forma geral, o expressivo aumento da produção mundial de mandioca deve-se basicamente à participação da África, que vem apresentando maiores índices de crescimento. Nos últimos 50 anos a sua produção passou de 40 milhões para 194 milhões de toneladas, o que equivale a 64% do total mundial, que foi de aproximadamente 303 milhões de toneladas em 2020. Dentre os principais países produtores de mandioca nesse continente destacam-se Nigéria, República do Congo e Gana.

Entre os principais países africanos, a Nigéria apresentou o maior crescimento e assumiu a liderança na produção mundial. Segundo a FAO, a Nigéria produziu, em 2020, cerca de 60 milhões de toneladas de mandioca, contra 10 milhões em 1970. Com este volume de produção, o país representa 31% do continente africano e aproximadamente 20% do total mundial. A República Democrática do Congo também evoluiu fortemente na sua produção durante os últimos anos.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

Com relação à Ásia, o cultivo de mandioca segue uma dinâmica diferente dos africanos, pois sua produção tem como objetivo principal a industrialização. Os plantios ocupam áreas maiores e com avançado grau tecnológico, o que tem resultado em produtividades médias acima de 20.000 kg/ha, contra 15.000kg/ha no Brasil e 9.000 kg/ha na África. Na Ásia, destacam-se Tailândia e Indonésia, que juntos respondem por aproximadamente 57% da produção asiática de mandioca.

A Tailândia conta com grandes indústrias de fécula, o que confere a liderança no volume de produção e também nas exportações deste produto para outros países. Além de fécula, a Tailândia produz, em larga escala, os ‘‘pellets’’, que são exportados para serem utilizados na composição das rações animais. Atualmente, as exportações tailandesas representam aproximadamente 85% do mercado internacional e têm como principal destino a União Europeia e a China.

Enquanto a Ásia apresenta um expressivo avanço em toda a cadeia produtiva, na América Latina, pelo contrário, apesar dos avanços na pesquisa, a produção sofreu um forte retrocesso nos últimos anos. A participação na produção mundial, que já foi de 30%, reduziu-se para apenas 8% em 2020. Neste cenário, o Brasil é o principal responsável pela mudança, apesar de contribuir com 70 a 75% do volume produzido na América Latina.

A cultura da mandioca, no Brasil, passou por várias melhorias. Houve um significativo avanço tecnológico na produção agrícola e principalmente no setor industrial. A pesquisa conta com inúmeros trabalhos de melhoramento, da Embrapa, dos órgãos públicos de pesquisa e extensão rural espalhados por vários estados e municípios, e também das universidades públicas.

Porém, esse esforço conjunto não conseguiu alavancar o aumento da área plantada, e o Brasil se situa atualmente em sexto lugar no ranking mundial, com apenas 18 milhões de toneladas.

A expressiva redução na produção de mandioca no Brasil foi provocada lentamente por vários fatores, como a redução no consumo animal, a retirada da farinha de mandioca na farinha panificável, a falta de mão de obra no campo e, por fim, a grande concorrência no arrendamento das terras entre a soja e a cultura da mandioca.

TABELA 1 – Produção mundial de mandioca, nos principais países (milhões de toneladas).

Países	1970	2017	2018	2019	2020
África	40.5	168.3	169.6	193.1	193.6
Nigéria	10.2	59.3	59.4	59.2	60,0
Rep. Dem. do Congo	10.3	31,0	29.9	40.0	41,0
Gana	1.5	19,0	20.8	22.5	21.8
Outros	18.5	59,0	59.5	71.4	70.8
Ásia	23.1	82.7	80.6	86.1	81.9
Tailândia	3.2	30.8	31.6	31.1	29,0
Indonésia	10.7	19,0	16.1	14.6	18.3
Outros	9.2	32.9	32.8	41.4	34.6
América do Sul	33.9	25.9	25.2	24.4	25,0
Brasil	30.0	18.5	17.6	18.9	18.2
Outros	3.9	7.4	7.6	5.5	6.8
Total Mundial	**98.5**	**279.3**	**277.8**	**303.6**	**302.7**

FONTE: FAO; SEAB/DERAL, 2022

3. Brasil

Ao contrário dos países africanos, como a Nigéria, e asiáticos, como a Tailândia, onde a cultura vem experimentando crescimentos significativos, a produção brasileira de mandioca reduziu e se estabilizou em patamares entre 18 e 19 milhões de toneladas. Este volume de produção é o mais baixo de uma série dos últimos 20 e 30 anos.

A posição do Brasil, que já foi o maior produtor mundial de mandioca, cedeu inicialmente a liderança para a Nigéria e, na sequência, para Tailândia, República Democrática do Congo e Gana. Vale lembrar que, no auge, a produção brasileira havia alcançado 30 milhões de toneladas, correspondendo a 30% do volume mundial. Atualmente, a sua participação é de apenas 6%.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

O último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE indica para a safra de 2021/22 uma área de 1.297 mil hectares e uma produção de 18.125 mil toneladas de mandioca em raiz. As maiores reduções no cultivo de mandioca são observadas no Nordeste e, nas últimas safras, também no Sul do país, em especial no Paraná.

Durante as duas últimas décadas é notório o avanço da mecanização e o crescimento das culturas como soja, milho e a restrição de mão de obra no campo, o seu ciclo mais longo e ainda por ser um produto restrito ao mercado interno e pouca presença no mercado internacional. Esta situação fragiliza com muita frequência os preços, todas as vezes em que o volume de produção é maior. Estes são os principais motivos que vêm contribuindo na redução da produção de mandioca nas últimas safras.

3.1 Principais regiões produtoras

No Brasil, praticamente todos os estados e municípios cultivam a mandioca. Porém, a maior produção é proveniente do Norte e do Nordeste do país. Na safra de 2021/22, a região Norte representa 35,7%, Nordeste 21,9%, Sul 21,7%, e Centro Oeste 8%. Vale lembrar que o Nordeste já foi o principal produtor, mas devido às frequentes secas, vem reduzindo a sua participação nos principais estados produtores de mandioca.

As regiões Norte e Nordeste se assemelham no sistema de pequenas propriedades, agricultura familiar e a produção é destinada para as fábricas de farinha, consumo humano ‘‘in natura’’ e uma parte para o consumo animal. As duas regiões contam com um expressivo número de farinheiras, que variam de pequeno a médio porte e também empregam um grande contingente de trabalhadores. Lembrando, porém, que nos últimos anos este setor está se modernizando e algumas fábricas de farinha já estão produzindo em escala maior e com excelente qualidade.

Mais recentemente observa-se que no Nordeste, principalmente na Bahia, além das fábricas mais modernas de farinha, alguns empresários já estão implantando algumas fecularias. Também no Ceará, Pernambuco e Alagoas houve um notável avanço, tanto na produção agrícola como na industrialização. Estes são os principais estados nordestinos na produção de mandioca e seus principais derivados. A Bahia, além de principal produtor, conta com um importante Centro de Pesquisa Brasileira Agropecuária – EMBRAPA, localizada no município de Cruz das Almas, que vem contribuindo com excelentes resultados para o setor.

Diferente das regiões já descritas, no Sul, Sudeste e Centro-Oeste estão concentradas a grande maioria das indústrias de fécula e também de farinha. O Paraná se destaca pelo maior número de fecularias, mas também possui um notável parque industrial de farinha. Na sequência veêm Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina, com destaque na produção de fécula e de farinha. Nesses estados, predominam produções em grandes áreas e a maioria das lavouras já mecanizadas, à exceção da colheita, que ainda depende de mão de obra, uma vez que ainda não se desenvolveu uma máquina eficaz para esta operação.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

TABELA 2 – Brasil: Principais estados, área, produção e produtividade de mandioca – 2021/22

Regiões/Estados	Área (1000ha)	Produção (1000t)	Produtividade (kg/ha)	Part. %
Norte	457	6.458	14.131	35,7
Pará	278	4.103	14.759	22,7
Amazonas	102	853	8.363	4,7
Acre	23	521	22.652	2,9
Outros	54	981	18.167	5,4
Nordeste	433	3.953	9.129	21,9
Bahia	123	856	6.959	4,7
Ceará	68	626	9.206	3,5
Maranhão	52	419	8.058	2,3
Pernambuco	50	600	11.539	3,3
Piauí	41	459	11.475	2,5
Alagoas	40	490	12.250	2,7
Outros	59	503	8.526	2,8
Sul	203	3.917	19.269	21,7
Paraná	125	2.970	23.760	16,1
Rio Grande do Sul	56	677	12.089	3,7
Santa Catarina	17	340	20.000	1,9
Sudeste	126	2.291	18.183	12,7
São Paulo	65	4.438	22.123	8,0
Minas Gerais	39	545	13.974	3,0
Outros	22	308	14.000	1,7
Centro-Oeste	76	1.436	18.895	8,0
Mato Grosso do Sul	44	961	21.841	5,3
Mato Grosso	19	270	14.211	1,5
Outros	13	205	15.769	1,2
Brasil	**1.292**	**18.125**	**14.029**	**100**

FONTE: IBGE; SEAB/DERAL, 2022

Quanto à industrialização da mandioca, o país conta com aproximadamente 71 fecularias, sendo que 42 se encontram no Paraná, o que corresponde a aproximadamente 60% do parque industrial. Por outro lado, sabe-se que na produção de farinha existem várias centenas de farinheiras espalhadas pelos estados que industrializam a mandioca, em especial nas Regiões do Norte/Nordeste do país. A grande maioria das fecularias são consideradas de médio e grande porte, com capacidade instalada de 300 a 450 toneladas de raiz por dia. No Paraná, o crescimento industrial teve o seu auge a partir dos anos 1980, quando se registrava o final do ciclo do café.

O notável crescimento da industrialização no Paraná deveu-se basicamente à grande disponibilidade de terras antes ocupadas com o café, à disponibilidade de mão de obra e algumas vantagens que os municípios ofereciam aos novos empresários. Os principais atrativos para a instalação de fecularias eram a isenção de impostos por parte dos prefeitos e inclusive nos serviços de terraplenagem. A partir desta época, vários empresários catarinenses aproveitaram essas benesses e transferiram as suas plantas para o Paraná.

A concentração das indústrias de fécula está nos Núcleos Regionais de Paranavaí, Umuarama, Campo Mourão, Maringá e Toledo. Sendo que a distribuição espacial é de 25 plantas no Noroeste paranaense, 10 no extremo Leste e 7 no Centro-Oeste. Vale lembrar que os incentivos à época também favoreceram a implantação de várias farinheiras, entre as quais, algumas com capacidade de produzir até 1000 sacas de farinha/dia. Com esta iniciativa estava consolidado o novo e o mais moderno parque industrial do Paraná. Desta época em diante, o Paraná assumiu a segunda posição na produção nacional de mandioca e a primeira na produção de fécula.

No caso específico do Paraná, as farinheiras trabalham com maior intensidade nas safras em que os estados nordestinos produzem menos mandioca. Este fato acontece normalmente em períodos de grande estiagem e, neste caso, Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina passam a produzir mais farinha, em detrimento de fécula. Nestas ocasiões o Brasil até chega a importar pequenas quantidades de fécula para suprir suas necessidades.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

3.2 Demanda Brasileira de Fécula

Muito embora a fécula brasileira seja de excelente qualidade e, portanto, competitiva no mercado internacional, a sua participação nas exportações dificilmente ultrapassava 3% da produção total. Desta forma, a produção brasileira de fécula, à exceção dos dois últimos anos em que empresários brasileiros conquistaram uma parcela de exportações, tinha como destino principal o consumo no mercado interno.

TABELA 3 – Brasil: Principais setores consumidores de fécula 2017/2019

Setores	2017	2018	2019
Panificação	27,7	22	30,2
Atacadista	19,6	18,4	13,5
Tapioca	13,6	12,8	11,8
Papel/Papelão	5,4	6	13
Frigorífico	16,2	21,6	8,5
Outras fecularias	5	3,7	9,5
Varejistas	6,2	6,4	6,3
Têxtil	2,7	1,4	0
Ind. Química	1,6	3,7	0,9
Outros	1,9	3,4	5,1
Exportação	0,4	0,5	1,3

FONTE: CEPEA; SEAB/DERAL 2022

4. Mercado internacional de fécula

Conforme mencionado anteriormente, ao longo dos tempos o mercado internacional de fécula era abastecido basicamente pela Tailândia, maior produtor e também responsável por 85% das exportações mundiais. Seu comércio é dirigido principalmente aos países da União Europeia e eventualmente para o Brasil, porém em quantidades reduzidas e em ocasiões especiais, quando a seca no Nordeste frustra a safra e o Paraná passa a produzir mais farinha em detrimento de fécula. A pouca presença do produto brasileiro no mercado internacional tem como motivo principal a instabilidade e altos custos de produção se comparados com os da Tailândia.

Para que haja uma reversão deste quadro, torna-se necessário elevar a produção e conquistar novos mercados. Porém, antes de tudo é necessário manter a oferta contínua do produto e produzir com preços competitivos com os demais países. A produção atual de fécula atende plenamente a demanda brasileira. Porém, os pequenos volumes continuam exportados. A maior transação internacional ocorreu em 2021, quando o país exportou cerca de 41.000 toneladas de fécula.

TABELA 4 – Brasil: Principais estados exportadores de fécula 2020 a 2022

	2020		2021		2022*	
Estados	t	US$ (1.000)	t	US$ (1.000)	t	US$ (1.000)
Paraná	7.383	4.980	15.202	9.257	9.917	8.119
Santa Catarina	1.008	1.098	1.007	984	735	762
São Paulo	2.864	2.963	10.768	7.134	4.277	3.698
Mato Grosso do Sul	2.003	881	13.902	8.355	19.562	14.150
Outros	303	287	109	121	94	112
Brasil	**13.561**	**10.209**	**40.988**	**25.851**	**34.785**	**26.841**

FONTE: AGROSTATA/MAPA *até setembro de 2022

5. Paraná

Apesar das reduções nas áreas de plantio nos principais estados produtores de mandioca, o Paraná continua ocupando o segundo lugar, perdendo apenas para o Pará. Mas o quadro é preocupante na questão das áreas de plantio, uma vez que a fronteira agrícola, no Paraná, já está esgotada e, para agravar a situação, há a forte concorrência com os grãos, como a soja e o milho, que estão ocupando áreas cada vez maiores. Na safra 2021/22, a área ocupada com a mandioca no Paraná é de apenas 125 mil hectares, e uma produção prevista de apenas 2,9 milhões de toneladas de mandioca. Da produção estadual, estima-se que 70% seja absorvido pelas indústrias de fécula, farinha e polvilho azedo.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

As maiores áreas continuam concentradas nos núcleos regionais de Umuarama, Paranavaí, Campo Mourão, Maringá e Toledo. Nestas regiões os cultivos são tecnificados, como adubação, preparo do solo e manivas selecionadas. Por serem áreas maiores, grande parte das tarefas são realizadas mecanicamente, à exceção da colheita, que ainda depende do trabalho manual. Nas demais regiões do estado, os plantios são reduzidos, com pouca tecnologia, e a pequena produção se destina basicamente para a alimentação animal e humana, sob a forma ‘‘in natura’’. O pequeno excedente normalmente é comercializado em feiras livres ou em quitandas.

Nos últimos cinco ou seis anos, a produção de mandioca de mesa começa a ganhar espaço nos demais municípios paranaenses, e principalmente naqueles mais próximos aos grandes centros consumidores, como Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Cascavel. São grupos de pequenos produtores que se associam em cooperativas, onde o seu produto é descascado, embalado e distribuído aos supermercados, CEASAs e outras casas comerciais.

O pequeno consumo de mandioca de mesa geralmente ocorria pela dificuldade que os consumidores enfrentavam no cozimento, já que, na maioria das vezes, o produto deixava a desejar. Diante desse desafio, foi criado um grupo de trabalho construído por várias entidades governamentais e privadas. O projeto, iniciado em 2019, conta com a parceria da Seab/Deral; Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Iapar – Emater (IDR-Paraná); Sebrae; Prefeitura de Curitiba e cooperativas de pequenos produtores. O objetivo principal do projeto é a produção de mandioca de qualidade, competitiva em preços e que traga tranquilidade às famílias, para que a mandioca possa ser consumida durante todos os meses do ano.

TABELA 5 – Paraná: Área e produção nos principais Núcleos Regionais – 2021/22 e 2022/23

	Safra 2021/22		Safra 2022/23	
Núcleos Regionais	**Área (ha)**	**Produção (t)**	**Área (ha)**	**Produção (t)**
Umuarama	42.000	1.027.00	45.000	1.003.000
Paranavaí	38.000	980.000	41.600	936.000
Campo Mourão	11.500	276.000	13.000	358.000
Maringá	7.000	23.000	9.100	209.000
Curitiba	8.000	153.000	8.000	152.000
Toledo	4.000	104.000	4.000	116.000
Outros	14.500	521.000	14.300	321.000
Total: Paraná	**125.000**	**2.970.000**	**135.000**	**3.095.000**

FONTE: SEAB/DERAL, 2022

5.1 Mão de obra

Este é um dos itens com grande influência no cultivo de mandioca, pela quantidade de trabalhadores empregados durante o seu ciclo produtivo e também pelo fato de que algumas etapas ainda são executadas manualmente. Como já citado, a grande maioria das etapas no campo são mecanizadas, como preparo do solo, plantio e tratos culturais, à exceção da colheita. Este item é bastante oneroso no cálculo de custos de produção, uma vez que a sua participação é de aproximadamente 40%.

Vale ressaltar que o maior uso de mecanização está presente em lavouras de maiores áreas, ou nas regiões onde a produção é destinada para as grandes indústrias. Já em locais onde a produção é em pequena escala, o uso de mão de obra é bastante expressivo, apesar da reduzida oferta durante as últimas safras. A mecanização e o rápido avanço das áreas plantadas, como a soja, milho e trigo, após a década de 80, promoveram a saída dos trabalhadores do campo para os grandes centros ou a migração para outros estados.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

5.2 Rentabilidade econômica

A rentabilidade econômica é de fundamental importância dentro da cadeia produtiva, pois é a variável que mostra os resultados positivos ou negativos que a cultura proporciona. Durante o período em que a pandemia do Covid-19 estava mais severa e a maioria das indústrias estavam paralisadas, os preços da mandioca e principalmente da fécula estavam em baixa. Porém, a partir de julho de 2021, houve uma forte e contínua reação. Vários segmentos que utilizavam a fécula retornaram às atividades e as exportações, que marcaram uma evolução acima de 200% sobre o ano de 2020, impulsionaram a subida dos preços.

Apesar de o Nordeste demandar pouca farinha nesse período de um ano, em função de uma boa produção local, o que realmente sustenta a alta dos preços é a forte demanda pela fécula. Evidentemente, as altas cotações do amido de milho também contribuíram para a elevação dos preços da cadeia de mandioca. Durante o mês de julho de 2022 a rentabilidade econômica de mandioca ficou em 142% sobre o custo variável e 69% sobre o custo total de produção. Estes valores são considerados pelos agentes de comercialização como altamente satisfatórios se comparados às safras anteriores.

5.3 Preços

A expressiva redução da área plantada com a mandioca é reflexo direto dos preços que não evoluíram como aconteceu com os grãos, milho, soja, trigo e pecuária. Desta forma as terras foram supervalorizadas e os produtores de mandioca estão enfrentando sérios problemas com o arrendamento, em termos de disponibilidade e também pelos valores cobrados. Soma-se ainda a menor demanda de farinha pelos estados nordestinos, uma vez que nas últimas três ou quatro safras a produção local foi suficiente, devido às condições climáticas que favoreceram a cultura.

Já a partir do segundo semestre de 2021, nota-se uma expressiva e contínua recuperação dos preços em todos os segmentos da comercialização. Esta mudança foi causada pela melhora da pandemia e a consequente retomada da economia. Também contribuíram para a forte valorização dos produtos da mandioca, a drástica redução da produção de milho, que superou a 50% na segunda safra, e o aumento nas exportações de fécula, estimuladas pelo câmbio favorável.

Durante o mês de julho de 2022, os produtores receberam, em média, R$ 886,00 pela tonelada de mandioca posta na indústria, contra R$ 435,00 por tonelada em julho/2021, ou seja, um aumento de 104%. A fécula, no atacado, foi comercializada a R$ 124,00/sc de 25 kg, com aumento de 82% frente ao mesmo período do ano passando, e a farinha da mandioca crua vendida por R$ 163,0/sc de 50 kg, representando um aumento de 77% em relação ao mês de julho de 2021. Ressalta-se ainda que, na primeira semana de agosto de 2022, o preço médio da mandioca atingiu R$ 900,00 por tonelada posta na indústria. Esses preços são considerados altamente satisfatórios e os mais altos, em termos nominais, registrados nos últimos anos.

5.4 Valor Bruto da Produção – VBP

A cultura da mandioca em 2021 gerou um valor de R$ 1,9 milhão, o que representa 1% do VBP total do Estado, que é de R$ 180 bilhões. Os municípios que obtiveram maior VBP na cultura foram: Cerro Azul, com uma participação de 5,9%, Umuarama (3,7%) e Cianorte (3%). Já os Núcleos

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

Regionais que tiveram maior participação foram: Umuarama, Paranavaí, Cianorte e Campo Mourão.

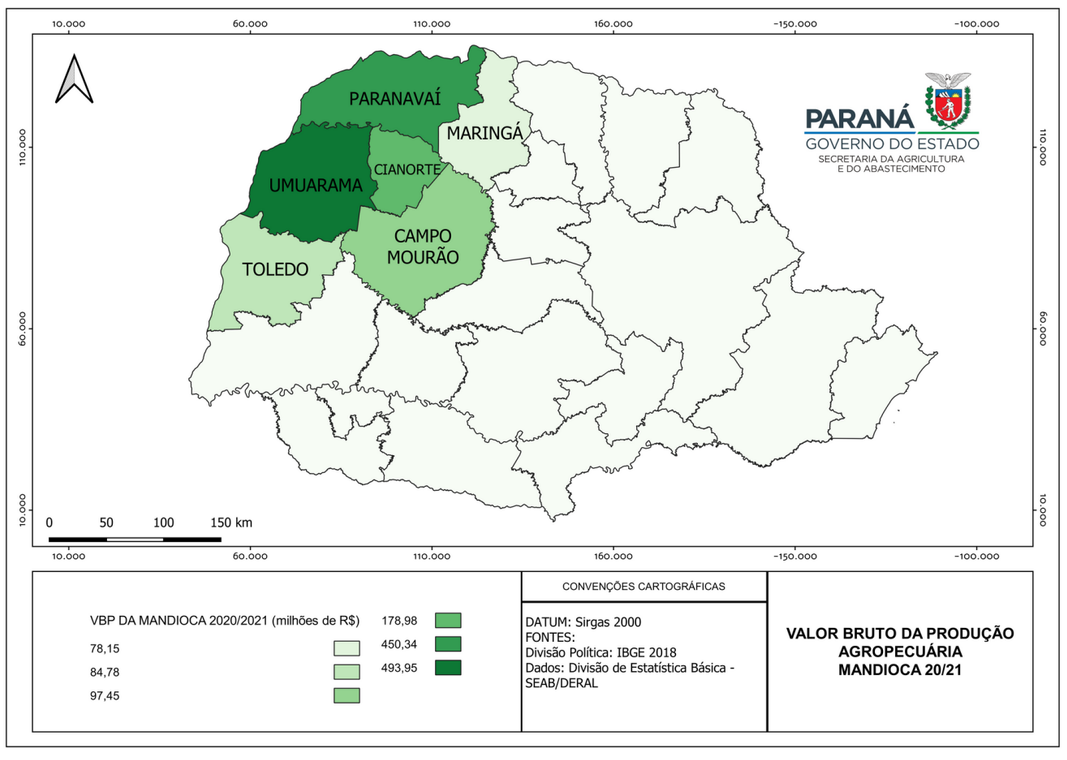


Figura 1 – Paraná: VBP dos principais Núcleos Regionais da cultura da mandioca em 2021.

5.5 Prognóstico

Após um período de algumas safras em que os resultados financeiros não foram satisfatórios, principalmente nos últimos quatro anos, quando em determinadas ocasiões os preços recebidos não cobriram os custos, a cultura da mandioca iniciou a trajetória de declínio na área de plantio. Entretanto, este comportamento começou a melhorar a partir do segundo semestre de 2021 com a reação dos preços, em todos os segmentos da comercialização, em especial os recebidos pelos produtores, que vêm alcançando os maiores índices de aumento.

Segundo a opinião dos empresários e técnicos de campo, as culturas da soja e do milho certamente continuarão ocupando as maiores áreas, apesar do esgotamento de fronteira agrícola em nosso estado. Já no caso de mandioca não se vislumbra alguma possibilidade de crescimento, mesmo com o fantástico resultado econômico obtido na atual safra. Assim sendo, os fazendeiros no momento de arrendar as terras com pastagens degradadas estão preferindo a soja e o milho por serem culturas de ciclos curtos e com melhor liquidez.

O cenário para a próxima safra de 2022/23 é bastante incerto, pois os altos preços ajudam, porém não serão suficientes para um aumento expressivo de área, em especial nas regiões onde se cultivam os grãos em grandes escalas. As maiores concentrações de cultivo da mandioca localizam-se na região Noroeste ou nos Núcleos Regionais de Umuarama e Paranavaí, onde as terras registram o maior valor de arrendamento. Alguns produtores desta região já estão migrando para os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo na tentativa de produzirem a preços mais baixos.

O primeiro levantamento de campo realizado pelos técnicos do Departamento de Economia Rural – Deral indica uma área de plantio na safra 2022/23 de 135.000 hectares e produção de 3.095.000 toneladas de mandioca em raiz. Esta estimativa representa um aumento de 8% em relação à área plantada e 4% na produção comparativamente à safra 2021/22. O plantio da nova safra já está em pleno andamento e foi iniciado em meados do mês de junho. Nos Núcleos Regionais de Paranavaí e Umuarama, onde se concentra a maior produção do estado, o calendário agrícola permite a antecipação de plantio. Evidentemente, nas demais regiões a época mais indicada tem o seu início nos meses de setembro e outubro, podendo se estender até novembro. No início do mês de agosto as condições climáticas estão desfavoráveis ao plantio e à colheita da atual safra. Durante todo o mês de julho de 2022 a falta de chuva foi generalizada no estado e ainda contribuiu para as temperaturas acima da média, com 28 ºC em Curitiba e chegando até 42 ºC, em alguns dias, na região de Paranavaí.

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

6. Referências bibliográficas

1 – FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Disponível em: http://www.fao.org/faostat/en/#home

2 - CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Disponível em: https://www.cepea.esalq.usp.br/br

3 - EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: https://www.embrapa.br/

4 - DERAL/SEAB, Previsão de Safras. Disponível em: http://www.agricultura.pr.gov.br/deral/safras

5 - IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/

6 - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior

* Reprodução autorizada desde que citada a fonte

Responsável Técnico: Economista Methodio Groxko - DCA/DERAL
e-mail: methodio@seab.pr.gov.br
Contato: (41) 3313-4036

Residente Técnico: Eng. Agrônomo, Msc. Joabe Rodrigues Pereira
e-mail: joabe.pereira@seab.pr.gov.br

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E DO ABASTECIMENTO

agricultura.pr.gov.br

@deral_pr

linkedin.com/company/deralpr

@deralpr

Seab - PR